

ENCONTROS E DESENCONTROS: A PULSÃO DE MORTE EM FREUD E FERENCZI

*André Bomfim Pereira Luz**

*Pedro Sobrinho Lareano***

RESUMO

O artigo objetivou, por meio da revisão bibliográfica, avaliar as possibilidades de aproximação e de distanciamento do conceito de pulsão de morte nas obras de Freud e de Ferenczi. Tomando como base as obras-irmãs, *Além do princípio do prazer* e *Thalassa*, pode-se apontar que a pulsão de morte, como tendência constitucional para o zero de tensão, é incompatível com a regressão talássica, pois há nessas concepções temas centrais da metapsicologia de cada um dos autores: morte e vida, constituição e ambiente, retorno ao inorgânico e a regressão a um estado consubstancial com o meio. Essa diferença fundamental marca uma separação metapsicológica dos autores quanto ao conceito de pulsão de morte.

Palavras-chave: pulsão de morte, regressão, Freud, Ferenczi

ENCOUNTERS AND DIVERGENCES: THE DEATH DRIVE IN FREUD AND FERENCZI

ABSTRACT

The article intends, through a bibliographic review, to evaluate the possibilities of convergence and divergence of the concept of the death drive in the works of Freud and Ferenczi. Based on the sister works, Beyond the Pleasure Principle and Thalassa, death drive is a constitutional tendency towards zero tension, which is incompatible with thalassic regression, as these conceptions

* Psicólogo e Psicanalista, graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Sua pesquisa concentra-se na articulação entre diferentes escolas da psicanálise, com ênfase nos fundamentos teóricos e nas implicações clínicas dessas tradições.

** Psicólogo, Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-RIO. Professor Associado do Departamento de Psicologia da UFF.

contain central themes of the metapsychology of each author: death and life, constitution and environment, return to the inorganic and regression to a state consubstantial with the environment. This fundamental difference marks a Metapsychological separation between the authors regarding the concept of the death drive.

Keywords: death drive, regression, Freud, Ferenczi

ENCUENTROS Y DESENCUENTROS: LA PULSIÓN DE MUERTE SEGÚN FREUD Y FERENCZI

RESUMEN

El artículo tuvo como objetivo, a través de la revisión bibliográfica, evaluar las posibilidades de acercamiento y distanciamiento del concepto de pulsión de muerte en las obras de Freud y Ferenczi. Basándose en las obras hermanas, Más allá del principio del placer y Thalassa, se puede señalar que la pulsión de muerte como una tendencia constitucional hacia el cero de tensión es incompatible con la regresión thalassica, ya que en estas concepciones se encuentran temas centrales de la metapsicología de cada uno de los autores: muerte y vida, constitución y ambiente, retorno a lo inorgánico y la regresión a un estado consustancial con el medio. Esta diferencia fundamental marca una separación metapsicológica entre los autores en relación con el concepto de pulsión de muerte.

Palabras clave: pulsión de muerte, regresión, Freud, Ferenczi

A introdução do conceito de pulsão de morte no quadro teórico da psicanálise foi, sem dúvida, um dos fatores mais controversos para a comunidade psicanalítica da época de Freud. Os problemas relacionados ao conceito não se limitaram apenas aos discípulos e colaboradores do pai da psicanálise, o próprio Freud confessou ter tido a atitude defensiva para com essas ideias: *Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto¹ de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela* (Freud, 1930, p. 56).

Tamanha controvérsia acarretou três destinos gerais para a ideia de pulsão de morte dentro da psicanálise: alguns autores aceitaram a teorização freudiana, outros a negaram, e um terceiro grupo aceitou a ideia de uma forma diferente daquela pensada por Freud. Mas podemos

observar um destino particular do conceito dentro da obra do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi. Em um primeiro olhar, Ferenczi aparenta ter aceitado o conceito, inclusive aparecendo no título de uma das suas mais importantes publicações. Porém, suspeitamos que essa aceitação de Ferenczi se limite à aparência, uma vez que em seus escritos é possível identificar um paulatino afastamento.

Freud e Ferenczi eram próximos e colaboravam mutuamente nos anos que antecederam a publicação do *Além do princípio do prazer*. Figueiredo (1999) relata que, durante uma visita de Freud a Papá, ele e Ferenczi iniciaram um projeto que previa a elaboração de um livro sobre a psicanálise e a biologia de Lamarck. Porém, mesmo que esse projeto tenha persistido durante alguns anos, ele nunca saiu do papel. Mas ele povoou a mente dos dois pensadores. Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) afirmam que o projeto Lamarck deixou frutos: *Além do princípio do prazer*, e o *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Entretanto, as autoras indicam que, mesmo com essa proximidade teórica, na leitura dessas publicações é possível perceber um desacordo quanto ao conceito da pulsão de morte.

Percebemos o mesmo que Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) e, partindo dessa percepção, podemos pensar a relação de Freud e Ferenczi quanto ao conceito de pulsão de morte. Em seus trajetos, em suas argumentações é evidente a aproximação teórica entre os dois autores. Mas em alguns casos o desacordo fica evidente, de forma que podemos afirmar que a construção metapsicológica entre eles é marcada por encontros e desencontros.

Para evidenciar esses elementos de aproximação e de afastamento entre o pai da psicanálise e o psicanalista dos casos difíceis, tomemos, pois, a origem, que, simultaneamente, é o destino. A origem a qual nos referimos é a origem da vida, tema central para esta discussão. A origem da vida serviu de argumento para Freud no *Além do princípio do prazer*; e para Ferenczi, no *Thalassa*.

Começemos, então, pelo *Além do princípio do prazer*; nessa publicação, Freud (1920) explica que pela ação de forças externas a vida foi desperta na matéria inorgânica. Em sua gênese, essa matéria recém-animada buscou se equilibrar. E esse foi o primeiro impulso, retorno ao estado anterior inanimado. Nesse período primordial, era fácil para vivo morrer, e ele

o fazia sem perder tempo. Mas algo mudou, pois, por mais que a morte persista, essa facilidade foi perdida. Esse algo que mudou foi o ambiente, que se modificou de tal forma que obrigou a substância viva a também se modificar. Assim, Freud indica que a manutenção desses caminhos de desenvolvimento do organismo faz parte das pulsões de vida, enquanto a tendência para o retorno ao inorgânico diz respeito às pulsões de morte. Entretanto, mesmo que pelos caminhos de seu próprio desenvolvimento, *a meta de toda vida é a morte e, retrocedendo, que o inanimado estava aí antes das coisas vivas* (ibid., p. 64).

No *Thalassa*, Ferenczi (1924) também descreve a origem da vida, mas sua argumentação enfoca um outro aspecto experienciado pela vida primitiva, a perda da vida marinha. Para compreendermos a importância desse elemento, podemos recorrer à relação que o psicanalista húngaro faz da vida marinha primordial, do coito e da vida intrauterina. Para Ferenczi, no final da fase autoerótica há um deslocamento anifimótico do erotismo para baixo. Assim, o pênis se torna um duplo do ego, a encarnação do ego-prazer. Para esse ego, é preciso criar condições para que ele possa alcançar uma satisfação simples e infalível. Essa seria a função das carícias que ocorrem antes do coito; por meio delas há uma identificação entre os parceiros e um apagamento dos limites de seus egos. Dessa forma, o homem não precisa se preocupar de entregar o seu órgão de maior valor para um ambiente hostil. Já no final do ato, o esperma se separa do corpo, escoando para um ambiente tido como protegido. Assim, o psicanalista húngaro compreende que no coito há uma tríplice identificação: o organismo com o órgão genital, com o parceiro sexual e com a secreção genital.

Podemos destacar que nesse processo é primeiramente necessário criar as melhores condições ambientais para que o pênis (e o esperma), identificado com o ego, possa de fato penetrar em um ambiente, já que foi introjetado; um ambiente no qual a distância entre ele e o ego foi desfeita. Ferenczi conclui que o coito é uma tentativa do ego *de regressar ao corpo materno, situação em que a ruptura dolorosa entre o ego e o meio ambiente não existia ainda* (ibid., p. 292). Uma relação de união com o ambiente que Ferenczi nomeia de estado de repouso. Na publicação de 1913, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, o

psicanalista húngaro caracteriza essa vivência intrauterina. Nela, o feto vive como se o ambiente externo não existisse, ele experimenta uma situação dominada pelo prazer, suas necessidades são satisfeitas no momento em que aparecem. Podemos indicar um afastamento da posição de Freud e de Ferenczi, pois, diferentemente do vienense, o húngaro não indica qualquer tentativa de equilíbrio nesse momento inicial – a vida já estava equilibrada. Mas é no próximo passo da argumentação de Ferenczi que alcançamos o elemento primordial que buscamos. Ele recorre à lei biogenética de Ernst Haeckel² e a expande. Dessa forma, a vida intrauterina é uma repetição da forma de vida aquática anterior à grande seca dos oceanos, cujo nascimento é sua recapitulação. Assim, a tendência à regressão à vida intrauterina é uma manifestação de uma regressão talássica, um retorno ao ambiente primordial.

Nessa aproximação com o primordial, alguns elementos na argumentação de Freud e de Ferenczi se cruzam. São estes elementos: ambiente, regressão e equilíbrio. Ao pensarmos as posições de Freud e de Ferenczi quanto ao ambiente, é usualmente atribuído ao vienense uma posição inteiramente centrada nos fatores internos e na constituição; por outro lado, ao húngaro é identificada uma centralidade na relação ambiental. Sobre isso, concordamos com Herzog e Pacheco-Ferreira:

Seria injusto dizer que Freud não leva em conta o ambiente, ou o papel real dos primeiros objetos para a constituição da subjetividade e para a etiologia patológica, o que se quer ressaltar é que suas formulações acabam sempre privilegiando uma perspectiva que foca as mudanças internas ao aparelho psíquico. (Herzog & Pacheco-Ferreira, 2015, p. 190)

Podemos dizer o mesmo sobre Ferenczi, de que ele não ignora os fatores internos. Assim, sublinhamos que não é uma questão de exclusividade, mas de enfoque. Enfoque esse que fica evidente na argumentação de Freud sobre a pulsão, como podemos observar nesta citação:

Parece, então, que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (Freud, 1920).

Por essa citação podemos concluir que o caráter conservador das pulsões é uma propriedade inerente ao organismo, uma característica da vida que se manifesta em sua relação com o meio. Mas enquanto tendência não carece do meio para existir, pois, independentemente do meio no qual este organismo esteja inserido, enquanto houver vida, haverá esse movimento visando à inércia. Esse posicionamento de Freud indica que, sob sua pena, no *Além do princípio do prazer*, o meio é compreendido apenas como um fator negativo. O ambiente é aquilo que forçou a substância viva a mudar, que engendrou estimulações. Tudo o que o vivo almeja é se livrar dessas estimulações, sendo por vias diretas ou pelo caminho de seu próprio desenvolvimento, pois a substância viva aspira ao inanimado, unicamente por razões internas. Ou seja, o animado busca se livrar do que lhe fora dado pelo ambiente.

Por outro lado, podemos observar como Ferenczi atribui maior importância para a relação do organismo com o ambiente. E, como afirmamos anteriormente, a catástrofe da grande seca dos oceanos tem um lugar de destaque no seu argumento. Como disseram Herzog e Câmara (2021, p. 64), Ferenczi *tomou a catástrofe como uma das categorias principais de seu pensamento*. Segundo esses autores:

Cada etapa, cada parte e movimento do corpo, cada alteração fisiológica, cada experiência emocional envolvidos no ato sexual são decompostos e remetidos a épocas ancestrais. Tomado em seu conjunto, o coito, em sua configuração atual, é a expressão de uma história de transformações, e essas transformações são resultantes de adaptações às grandes catástrofes que assolaram a Terra e, ao mesmo tempo, os seres que nela viviam (ibid., p. 68).

Certamente, podemos observar nessa argumentação o alcance da expansão que Ferenczi realizou da lei biogenética fundamental de Haeckel. A ontogênese repete as catástrofes filogenéticas, mesmo se for apenas de forma abreviada. Herzog e Câmara (2021) apresentam três pontos nos quais Ferenczi aplica sua ideia de adaptação às catástrofes. São eles: 1) no processo adaptativo, ocorre uma destruição parcial da forma de vida que será substituída; 2) com a perda do ambiente, o organismo introjeta o ambiente perdido, nesse ponto se encontra o útero materno como reconstrução da vida marinha; 3) independe de o sobrevivente ter

passado por inúmeras modificações, ainda tenderá a retornar ao ambiente que foi perdido na catástrofe, aqui se encontra a regressão talássica.

Mesmo indicando a capacidade adaptativa do organismo à catástrofe, Ferenczi também identifica algumas características essenciais do ambiente para que essa adaptação ocorra. Ele diz:

O peixe, lançado à terra em consequência da secagem dos mares, tinha que se contentar com a água que se filtrava desde as profundezas do subsolo (o qual, ao mesmo tempo, o alimentava). *Nesse meio favorável*, ele pôde vegetar, por assim dizer, como parasita *durante todo o tempo necessário* para realizar sua metamorfose em animal anfíbio (Ferenczi, 1924, p. 317 — grifo nosso).

Nessa última citação, podemos destacar que é preciso que o ambiente seja maleável, favorável e paciente para ocorrer a adaptação. Pois, sem essas características, o organismo que perdeu seu ambiente primordial não consegue alcançar a adaptação, perdendo seu potencial vital. A morte é o resultado dessa falha ambiental.

Outro elemento que precisamos analisar em Freud e Ferenczi, elemento que se aproxima e se afasta, é a relação entre o retorno ao inanimado e à regressão. No quinto capítulo do *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) nos diz como a compulsão à repetição se relaciona com a pulsão, isso ocorre justamente por aquilo que o pai da psicanálise define como *um caráter universal dos impulsos, talvez de toda a vida orgânica, em geral* (ibid., p. 61). Esse elemento é o que indica o caráter conservador da substância viva, de sua tendência a retornar ao estado anterior. Estado esse que, no limite, alcança aquele ponto no qual a substância não queria se modificar, mas foi forçada por ação externa. Sendo esse o estado inicial, a vida manteve a tendência de retornar *ao inanimado [que] estava ai antes das coisas vivas* (ibid., p. 64). Dessa forma, Freud indica ser essa a grande tendência em ação, não havendo qualquer impulso rumo ao desenvolvimento. Assim:

Tanto o desenvolvimento ascendente quanto a involução poderiam ambos ser consequências de forças externas pressionando por adaptação, e o papel dos impulsos poderia se limitar nos dois casos a conservar, sob a forma de fonte interna de prazer, a mudança imposta (ibid., p. 68).

É justamente nesse contexto que Freud referencia Ferenczi em uma nota de rodapé. Diz ele:

Por outro caminho, Ferenczi chegou à possibilidade da mesma concepção (“Estágios de desenvolvimento do senso de realidade”, 1913, p. 137): “Levando até o fim de maneira consequente esse raciocínio, precisamos nos familiarizar com a ideia de uma tendência à inércia, ou melhor, à regressão, que também domina a vida orgânica, enquanto a tendência ao desenvolvimento continuado, à adaptação etc. só ganha vida em razão de estímulos externos” (ibid., p. 69).

Assim, podemos recorrer à publicação de Ferenczi de 1913 e tentar compreender essa aproximação. Nela, Ferenczi diz:

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalamento, aos quais o ser humano *é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas*. O primeiro grande recalamento torna-se necessário pelo processo do nascimento, que, com toda a certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem intenção por parte da criança. *O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno*, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalcar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio do desenvolvimento (Ferenczi, 1913, pp. 59–60 — grifo nosso).

Podemos identificar na citação de Ferenczi os mesmos argumentos levantados por Freud: o organismo só se desenvolve pela ação do meio, não havendo nenhuma tendência interna para isso. O que se apresenta como tendência é o movimento regressivo. Mas essa tentativa de aproximação não foi realizada apenas por Freud; Ferenczi também fez o mesmo. Foi ele quem escreveu o prefácio da tradução em húngaro do *Além do princípio do prazer*. E nesse prefácio ele disse:

O apego ao passado, a tendência para reencontrar um estado anterior de equilíbrio, a regressão, manifesta-se com uma constância tão absoluta na vida psíquica que Freud foi levado a opor às pulsões de conservação e de evolução – as únicas consideradas até então – a pulsão de morte e, pondo assim termo à arbitrariedade que campeava no domínio da teoria das pulsões, a reduzir os processos biológicos à polaridade dessas duas tendências (Ferenczi, 1924, p. 242 — grifos do autor).

De fato, é evidente que a percepção de que há uma tendência ao passado está presente no pensamento dos dois autores. Tal como o entendimento de que o desenvolvimento só acontece pela ação de agentes externos. Porém, essa semelhança esconde um distanciamento fundamental entre o retorno, de Freud, e a regressão, de Ferenczi. Podemos identificar essa diferença a partir de dois elementos: onde ela age, e qual é o seu objetivo.

Freud (1920) diz que com a animação da matéria surgiu a tendência de retorno ao estado anterior, o inanimado. Com isso, podemos indicar que a inércia a que o vienense se refere é uma tendência em ação, com o foco na diminuição da tensão no interior do organismo, que levaria este a um estado constitucional anterior. Esse retorno age exclusivamente no organismo. Já Ferenczi (1924) argumenta a regressão talássica como uma tendência para restabelecer o estado primeiro, no qual a ruptura entre o organismo e o ambiente ainda não existia. Ou seja, essa tendência age buscando o retorno a uma forma de existência em relação ao ambiente. Assim, se em Freud a relação primordial do organismo busca ser negada, pela eliminação da tensão, em Ferenczi é justamente essa primeira relação buscada pelo organismo.

Quanto ao objetivo, Freud claramente diz que o objetivo de toda a vida é a morte, o retorno ao inanimado, a eliminação de toda tensão. Em Ferenczi, o organismo busca restabelecer uma relação tão próxima com o ambiente que suas necessidades nem chegam a se apresentar, não há desejo, mas ainda há vida. Uma vida consubstancial entre o organismo e o meio, uma unidade fundamental, um mínimo tudo possível. Nesse mesmo sentido, Figueiredo (2002, p. 8) afirma: *a regressão materna ou thalássica faz parte dos recursos vitais do organismo e do sujeito. A tendência à inércia não é uma tendência ao zero, mas à estabilidade em um nível mínimo, porém vital.*

De um lado, há o zero, a nulificação; de outro, o um, a unidade fundamental entre o vivo e o entorno. Pesando quanto ao ponto de equilíbrio do sistema, para Freud ele se dá por meio da eliminação do próprio sistema, enquanto em Ferenczi o mínimo de organização persiste, e o sistema sobrevive.

Acreditamos que esses afastamentos fundamentais entre a metapsicologia de Freud e de Ferenczi possam explicar, pelo menos em parte, as discordâncias entre eles sobre o conceito de pulsão de morte. Porém, mesmo com esse afastamento, Ferenczi não negou explicitamente, em suas publicações, o

conceito de pulsão de morte. Pelo contrário, o termo pulsão de morte aparece repetidamente em suas publicações, e não apenas isso, outros termos que Freud costumeiramente trabalhava junto a ideia de pulsão de morte também são apresentados por ele. Mas como dissemos anteriormente, a jornada desses autores é marcada por encontros e desencontros. E talvez, esse desencontro fundamental, possa nos ser útil para entendermos até mesmo os encontros aparentes. Para tal empreitada, uma visita aos usos da ideia de pulsão de morte dentro das obras de Ferenczi e Freud é necessária.

Na publicação *O problema da afirmação do desprazer*, Ferenczi (1926), ao pensar sobre o início da vida da criança, caracteriza sua situação inicial, de que, para ele:

cheguei à suposição de para uma criança preservada de todo desprazer a existência inteira deveria parecer, à primeira vista, perfeitamente homogênea, “monista”, por assim dizer; a distinção entre as coisas “boas” e “más”, entre ego e o meio ambiente, o interior e o exterior, só se estabeleceria mais tarde; estranho e hostil seriam, pois, nessa primeira etapa, idênticos (ibid., p. 431).

Antes de discutimos diretamente essa citação e o contexto no qual ela foi escrita, uma palavra nos chama a atenção: monista. Essa palavra nos leva a uma fala de Ferenczi apresentada em uma conferência em 1909:

Apresso-me, pois, a assinalar que, *teoricamente*, sou um adepto dessa concepção filosófica denominada *monismo agnóstico*, que reconhece, como seu nome indica, um princípio único na base de todos os fenômenos existentes; entretanto, devemos acrescentar logo, com modéstia que nada sabemos nem podemos saber quanto à natureza desse princípio básico. Entendo, porém, que o monismo é apenas um ato de fé filosófica, um ideal para qual devemos tender, mas que supera de longe os limites atuais do nosso saber a ponto de pouco mais se pode esperar, de momento, além de extrair dele um benefício prático (Ferenczi, 1909, p. 46).

Por sua vez, essa fala de Ferenczi nos rememora uma outra fala, desta vez de Freud. Disse ele: *A questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade e propósito da vida seria respondida de forma dualista* (Freud, 1923, p. 37). Fizemos essa breve observação para destacar mais um elemento fundamental de afastamento entre autores. Temos em Ferenczi um monismo, que, por meio da regressão, busca o retorno ao

um. E, em Freud, um dualismo, que destaca a ação de duas tendências contrárias e constitucionais, que se amalgamam e se separam, tendências que lutam em suas formas de alcançar o zero de tensão.

Retornando à posição de Ferenczi em *O problema da afirmação do desprazer*, ele afirma que no início da vida há uma experiência monista que depois será modificada. Essa primeira experiência guarda proximidades com a vida intrauterina, e consequentemente com a vida marinha primordial. Mas a modificação dessa relação leva o infante para a próxima etapa de seu desenvolvimento. Ele sofre com a fome, algo impossível no útero materno. Contudo, ao sofrê-la, ele passa por uma destruição orgânica e uma desintração pulsional. É justamente por causa da desintração que o seio materno poderá se tornar uma representação de objeto, alvo do amor e do ódio da criança, e alheio a sua vontade.

Dessa forma, o desintração pulsional produz a ambivalência. Por sua vez, a ambivalência é necessária para a percepção do objeto e para obter domínio sobre ele, pois os objetos que serão reconhecidos são aqueles que o indivíduo deseja e o que frustram. Assim, diz Ferenczi:

Tudo se passa como se as duas espécies de pulsões se neutralizassem mutuamente quando o ego se encontra em repouso, à maneira da eletricidade negativa e positiva num corpo elétrico inerte e como se nos dois casos influências externas particulares fossem necessárias para separar as duas espécies de correntes e torná-las de novo ativas. O aparecimento da ambivalência seria, portanto, uma espécie de medida defensiva, uma aptidão geral para a resistência ativa que representaria, assim como o fenômeno psíquico que o acompanha, o reconhecimento do mundo objetivo, um dos meios de controlá-lo (Ferenczi, 1926, p. 398).

Nessa fala de Ferenczi, aparentemente, ele caracterizou que, no estado de repouso, já haveria no organismo as duas classes pulsionais, só que inertes devido à neutralização que uma efetua sobre a outra. Estado rompido pela ação do ambiente. Essa argumentação poderia indicar uma aberta aceitação do psicanalista húngaro da ideia da pulsão de morte, e do dualismo que a acompanha. Mas essa conclusão iria de contrário ao monismo afirmado anteriormente, já que esse monismo deveria ser entendido apenas como um estado virtual de nulificação pulsional, que escamotearia o dualismo, não podendo ser entendido como aquele estado

de puro prazer e de união com o ambiente. Porém, se pensarmos como ocorre a desintrincação pulsional, podemos encontrar no pensamento de Ferenczi uma saída para essa questão.

A desintrincação ocorre quando o infante se sente ameaçado pela força de destruição originada de sua necessidade. Com isso, o estado de repouso é rompido; a criança então espera, devido a sua onipotência, que algo surja para satisfazê-la. Mas, se essa satisfação é adiada, o que se faz ausente é odiado, e o que se fez presente é amado. Assim, o ódio é relacionado ao que afasta do estado de repouso, e amor se aproxima do que age nesse sentido. Dessa forma, podemos apontar que o estado de repouso é primordial (e o objetivo), e ódio e amor são características que se formam na relação com os objetos.

Ferenczi ainda nos diz que, após o desintrincamento, é preciso um novo intrincamento pulsional para que se possa alcançar a realidade objetiva. As pulsões de vida devem inibir a agressividade direcionada ao objeto. Mas é interessante notar que o estado de inibição das pulsões é justamente o estado inicial que o indivíduo foi forçado a abandonar pela ação do meio, e que agora ele busca retornar, contudo, reconhecendo o mundo externo (e a sua capacidade de satisfação e frustração). E, para que esse mundo possa satisfazê-lo, é preciso que o organismo possa agir no ambiente e sobre si mesmo, pois, se não o fizer, a morte é seu destino. Já que o objetivo de todo o desenvolvimento é o retorno ao ambiente primordial, o reconhecimento da realidade é uma forma pela qual essa tentativa de retorno se manifesta, tendo em vista que o movimento pulsional segue o mesmo modelo adaptativo: união, separação, união.

A morte como destino da falta de adaptação é exposta por Ferenczi nos seguintes termos:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico; aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem — pura e simplesmente; encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz. Num estágio mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que constituem para ele fontes

de desprazer e de salvar assim sua própria vida (autotomia); essa espécie de 'sequestro' pareceu-me ser outrora o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. É preciso esperar uma outra etapa do desenvolvimento para ver surgir a faculdade de adaptação à realidade, espécie de reconhecimento orgânico do mundo exterior que é manifesto no modo de vida dos seres que vivem em simbiose, mas igualmente em todo ato de adaptação (Ibid, p. 401).

Além do destino mortífero, essa passagem também demonstra a carência que o organismo tem em seu estado inicial, e que a cisão de partes de si é uma estratégia defensiva que o organismo pode usar. Tal como dizem Herzog e Pacheco-Ferreira:

Nesta longa passagem, duas ideias necessitam menção: a primeira é a afirmação de que o frágil organismo sucumbe ao estado inorgânico do qual emergiu recentemente, caso o ambiente não satisfaça suas necessidades básicas. A segunda diz respeito ao mecanismo de defesa, passível de se desenvolver num momento posterior, que consiste em expelir, cindir partes de si mesmo, como estratégia de sobrevivência diante de uma ameaça de perigo iminente. Ambas as afirmações estão interligadas e serão amplamente desenvolvidas nos trabalhos subsequentes de Ferenczi. A primeira está relacionada à sua compreensão da pulsão de morte e a segunda se insere em suas reflexões sobre o trauma (Herzog & Pacheco-Ferreira, p. 187).

Até este momento, pudemos identificar na pena de Ferenczi alguns elementos centrais para esta discussão: a identificação do ódio e do amor, com uma dualidade secundária, que ganha corpo pela capacidade dos objetos de satisfazerem ou frustrarem o indivíduo. A dependência que o organismo tem do meio para a manutenção de sua vida, e a morte como falha adaptativa. Assim como a autodestruição enquanto um elemento que possibilita a vida. Ferenczi ainda demonstra outra forma de autodestruição, mas voltaremos a ela quando discutirmos sua teoria do trauma. Antes disso, se faz necessário analisarmos como Freud vai trabalhar esses mesmos elementos em seus escritos.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) relaciona o amor e a ternura com as pulsões de vida, tal como o ódio e a agressividade com as pulsões de morte. Diz Freud:

Partimos da grande oposição entre impulsos de vida e de morte. O próprio amor objetual nos mostra uma segunda polaridade desse gênero, a do amor (ternura) e do ódio (agressão). Se conseguíssemos relacionar essas duas polaridades, derivar uma da outra! Desde sempre reconhecemos um componente sádico do impulso sexual (...) Porém, como se conseguiria derivar o impulso sádico, que almeja a danificação do objeto, do eros, que conserva a vida? Não se torna evidente aí a hipótese de que esse sadismo é na verdade um impulso de morte que foi afastado do eu por influência da libido narcísica, de maneira que só aparece na relação com o objeto? (ibid., pp. 81–82).

Posição que ele voltará a afirmar três anos depois no *Ego e o Isso*:

Parece haver um fato assim. Para a oposição entre as duas espécies de instintos podemos introduzir a polaridade de amor e ódio. Não temos dificuldade em achar uma representação para Eros, mas ficamos satisfeitos em poder encontrar no instinto de destruição, para o qual o aponta o ódio, um representante do instinto de morte, de tão difícil apreensão (Freud, 1923, p. 39).

Precisamos destacar que esse polo afetivo não é igualado à dualidade pulsional, mas são representações de Eros e da pulsão de morte, ou seja, essa é uma forma privilegiada pela qual as pulsões se manifestam. Esse privilégio diz respeito ao fato de que a diferença qualitativa das pulsões impedem que esses afetos sejam intercambiados entre as pulsões, ou seja, o ódio é sempre manifestação da pulsão de morte, e o amor é manifestação da pulsão de vida. Assim como diz Freud: *Com isso não precisamos supor, em nenhum desses casos, uma transformação direta de ódio em amor, que seria incompatível com a diferença qualitativa das duas espécies de instintos* (Freud. 1923. p. 41).

Ao aproximar o ódio e a destruição com a pulsão de morte, Freud vai trabalhar esses elementos por dois caminhos: a destruição autoinfligida e a lançada para o mundo externo. Sobre a primeira, o vienense apresentou sua posição valendo-se de inúmeros elementos clínicos, que nesta discussão focamos apenas em dois: a melancolia e o masoquismo. Na melancolia, o elemento destrutivo da pulsão de morte se instalou no Supereu, e essa se lança implacavelmente contra o Eu. Nesse momento, o que vigora no Supereu é *pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte* (ibid., p. 50).

Ora, se lermos essa última afirmação de Freud tendo em vista o *Além do princípio do prazer*, só podemos compreender essa expressão da pulsão de morte, que pode levar à morte, como uma manifestação do retorno ao inorgânico. Freud explica como esse elemento destrutivo se instalou no Supereu; este é oriundo da disjunção pulsional do final do Édipo. Devido a essa disjunção, o componente erótico perde a capacidade de conter a destrutividade, e essa liberta pode se manifestar na forma de agressividade e destruição. Mas esse movimento indica como essa destrutividade tem um caráter inerente, sendo um resultado do próprio funcionamento do aparelho psíquico.

Essa mesma tendência se mantém no argumento de Freud sobre o masoquismo. Freud (1924) operacionaliza o par sadismo-masoquismo através da nova dualidade pulsional. Pois, se a pulsão de morte não for impedida, seu potencial destrutivo se realiza. Assim, Eros se une à pulsão de morte, visando torná-la inócua. Por meio dessa união, a pulsão de morte é erotizada, e uma parte dela é desviada para o mundo externo, dando origem ao sadismo. Mas uma parte da pulsão de morte *permanece dentro do organismo e com o auxílio da excitação sexual acompanhante [pela ação da libido] acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno* (ibid., p. 181). Freud então define o masoquismo como um processo primário; e o sadismo, como modificação dele. Com isso, podemos compreender que a pulsão de morte tem como objetivo a ação no organismo, e, novamente sob a perspectiva do *Além do princípio do prazer*, podemos identificar a tentativa de retorno ao inorgânico.

Antes de continuarmos a argumentação da agressividade na perspectiva de Freud, devemos fazer outra observação. Um ano depois da publicação d'O *problema econômico do masoquismo*, Ferenczi também se debruçou sobre o par sadismo-masoquismo, e o fez aproximando da sua posição expressa no *Thalassa*. Ferenczi (1925) afirma que o sadismo tem origem na angústia do coito (e de castração). O indivíduo teme por sua vida e por seu corpo, mas seu temor é principalmente sobre seu pênis (a encarnação do ego-prazer). Assim, antes do coito, o objeto sexual deve ser feito inofensivo, e só assim o intercurso pode ocorrer. O objetivo desse movimento é criar uma boa condição para que o representante do ego possa alcançar a satisfação de forma segura. Ao analisar o *Thalassa*, Figueiredo diz:

Ereção ou não ereção, penetração ou não penetração, ejaculação ou não ejaculação, eis as questões. Cada patamar do processo de excitação deixa o delegado [pênis] diante de riscos e dilemas. Não só o pênis ereto e penetrante corre perigo, mas também a secreção que ele produz, a quintessência do ego, pode estar sendo entregue a um recipiente não confiável (Figueiredo, 1999, p. 148).

O organismo só enfrenta esse perigo devido ao seu objetivo de retornar ao útero materno, e, no limite, ao oceano que este representa. Assim, o caráter adaptativo e o retorno ao um se apresentam na posição de Ferenczi. Essa mesma argumentação se mantém na sua reflexão sobre o masoquismo, pois, devido à angústia de castração (e do nascimento), o orgasmo é sentido como uma experiência dolorosa. Por isso, o indivíduo se torna incapaz de experienciar a relação sexual de forma normal, sendo necessário experimentar sensações dolorosas. Porém, o alvo dessas sensações são as áreas extragenitais; assim, por meio do sofrimento dessas áreas, o órgão genital pode alcançar a satisfação. Ou seja, outras partes sofrem para que a regressão possa ocorrer.

Depois dessa breve observação, podemos retomar a análise da agressividade e da destruição ligadas à pulsão de morte na obra de Freud. Ao analisar a agressividade na cultura, Freud a apresenta desligada do elemento erótico:

Admito que, no sadismo e no masoquismo, tivemos sempre diante de nossos olhos as manifestações do instinto de destruição, dirigidas tanto para fora quanto para dentro, com forte ligação de erotismo; mas já agora considero que não possamos passar por alto a ubiquidade da agressão e da destruição não erótica, nem que deixemos de atribuir-lhes a posição que merecem na interpretação da vida (Freud, 1930, pp. 115-116).

A agressividade, e a pulsão de morte, ganha seu caráter autônomo, como *um instinto agressivo natural no ser humano* (ibid., p. 118). Sobre isso, diz Simanke:

Essa autonomia instintiva da agressividade, por sua vez, será invocada para explicar os aspectos excessivos, não adaptativos da agressão, aqueles que, pelo menos aparentemente, transcendem as necessidades de sobrevivência e de reprodução do indivíduo (ibid., p. 448).

A autonomia e a constitucionalidade da pulsão de morte fez Freud inscrevê-la como um elemento da “natureza humana”:

ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. [...] [ela] desmascara os seres humanos como bestas selvagens que sequer respeitam os membros de sua própria espécie (Freud, 1930, p. 49).

Essa agressividade constitucional perde quaisquer características adaptativas, talvez essa tenha sido uma consequência de Freud tê-la afastado das pulsões de autoconservação (Simanke, 2014), pois é possível encontrar em seus escritos anteriores a 1920 esse aspecto adaptativo da agressividade. Em *Pulsões e seus destinos*, Freud (1915) afirma: *De fato, pode-se afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não advêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sua conservação e sua afirmação* (Ibid., p. 59). Freud defendia que o Eu ama os objetos que lhe dão prazer, mas odeia o mundo externo portador de estímulos, sendo esse ódio uma reação ao desprazer provocado pelos objetos. E essa forma de agressividade era relacionada às pulsões de autoconservação. Assim, podemos destacar que essa agressividade era próxima da perspectiva de Ferenczi que apresentamos anteriormente. Mas foi justamente a teorização da pulsão de morte, e do novo dualismo pulsional, que afastou a posição entre os dois autores.

Depois desse caminho sobre a agressividade e a destruição na obra de Freud, podemos retomar outros elementos ligados à autodestruição na obra de Ferenczi. Nesse movimento alcançamos uma publicação na qual o termo pulsão de morte aparece em seu título. Na publicação *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, o psicanalista húngaro aproxima a ideia da pulsão de morte com a autodestruição. Ele nos diz que, quando era médico, pôde examinar vários casos de epilepsia, os quais permitiram que ele estudasse *mais a fundo as manifestações da pulsão de morte* (Ferenczi, 1929, p. 56). Mas essa empreitada foi impedida, e no entanto outros casos permitiram que ele examinasse *mais a fundo a gênese das tendências inconscientes de autodestruição* (ibid., p. 56).

Ferenczi destaca que, nesses casos, os pacientes tinham que lutar contra tendências suicidas. Mas havia algo em comum nesses pacientes, todos

não foram hóspedes bem-vindos em suas próprias casas. Essa situação familiar não passou incólume; pelo contrário, foi registrada consciente e inconscientemente, por isso *a sua vontade de viver foi quebrada* (ibid., p. 57), fazendo com que os menores acontecimentos da vida suscitassem neles a vontade de morrer, o que eles fariam de bom grado. Esses casos indicam que, pela ação do ambiente no qual os pacientes estavam inseridos, seu potencial adaptativo não pode se desenvolver, e devido a isso perderam o gosto pela vida. Podemos ver como Ferenczi mostra como a morte pode vir de fora. E, pela observação desses casos, Ferenczi se afasta da posição de Freud. Diz ele:

Aqueles que perdem tão precocemente o gosto pela vida apresentam-se como seres que possuem uma capacidade insuficiente de adaptação, semelhantes àqueles que, segundo a classificação de Freud, sofrem de uma fraqueza congênita de sua capacidade para viver, com diferença, porém, de que nos nossos casos o caráter congênito da tendência mórbida é simulado, em virtude da precocidade do trauma (ibid., p. 59).

Nessa citação, Ferenczi destaca o mesmo elemento que apresentamos anteriormente, enquanto Freud argumenta a pulsão de morte como uma ação inerente ao organismo; Ferenczi afirma que esta se configura a partir da relação com o meio.

Porém, ainda nessa publicação, Ferenczi afirma que o organismo só se desenvolve com abundância no início da vida quando há condições favoráveis para ele. Essa configuração ocorre por meio do amor dos pais, que imuniza o infante dos ataques físicos e psíquicos. Se isso não acontecer, as pulsões de autodestruição podem entrar em ação, já que, como o indivíduo ainda está próximo do não ser individual, seria mais fácil esse retorno à vida inorgânica. Essa argumentação poderia facilmente indicar a aceitação de Ferenczi quanto ao elemento constitucional da pulsão de morte. Mas, se retomarmos alguns argumentos anteriores, podemos apontar um outro caminho.

Precisamos retornar à citação de Ferenczi que fizemos anteriormente, sobre o peixe lançado para terra depois da grande seca dos oceanos. Esse animal primitivo foi obrigado a se saciar com a água que podia filtrar do solo e, pela condição minimamente favorável desse ambiente, ele pôde

adaptar-se e alcançar a forma anfíbia. Certamente, as condições da terra eram significativamente diferentes das do mar: a temperatura, o ar era seco, havia um esforço enorme para alcançar a água, que antes era seu ambiente. Mas, mesmo assim, ainda era possível encontrar nesse novo habitat algo que, de alguma forma, criava uma condição semelhante ao ambiente original, e isso possibilitou a vida. Contudo, se esse novo meio não provesse o mínimo necessário para esse ser, ele pereceria. Esse ambiente também deveria protegê-lo do calor do sol, da força do vento e dos predadores, pois, se não o fizesse, o único caminho era a morte. Podemos apontar que esse seja o sentido apresentado por Ferenczi, porquanto, ao aplicar esse modelo à vida humana, ele nos diz que cabe aos cuidadores, no início da vida, criar um ambiente que se aproxime do útero materno. Entretanto, se esses cuidados faltarem, assim como o peixe fora da água, a morte é o resultado. Dessa forma, o funcionamento pulsional é apresentado a partir das relações do indivíduo com o seu meio. Nesse sentido, Herzog e Pacheco-Ferreira afirmam:

Para Ferenczi, não fazia sentido pensar um funcionamento autônomo e inexorável dos fenômenos vitais, como um emaranhado de manifestações de duas pulsões básicas, a de vida e a de morte, não subordinado às relações intersubjetivas que constituem a história de vida de cada um (ibid., p. 187).

Outro ponto que contribui para nossa discussão é o trauma. Sabemos como a neurose traumática foi importante para Freud na construção da ideia da pulsão de morte. No *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) apresenta o trauma pela perspectiva econômica, que vai ser entendido como efeito da quebra da barreira protetora, quebra essa que coloca o princípio do prazer de lado. Cabe ao aparelho psíquico dominar o excesso de estimulação. Tal como afirma Lindenmeyer (2017, p. 186): *Para que o trauma ocorra, um acontecimento deve provocar, na vivência psíquica do sujeito, um aumento de excitações que não pode ser eliminado nem reelaborado segundo o modo habitual*. Assim a compulsão a repetição age visando neutralizar o efeito desse excesso de energia, pelo esforço de ligá-las às representações.

Para Herzog e Pacheco-Ferreira (2015), é justamente pela teoria do trauma que Ferenczi se distanciou de Freud. Pois, devido a ela, o

psicanalista húngaro revalorizou a relação com o objeto e questionou esse ponto de vista puramente econômico de Freud. Na publicação *Confusão de línguas entre adultos e crianças*, Ferenczi apresentou o trauma por meio da sedução infantil. Ele destacou que *nunca será demais insistir sobre a importância do traumatismo e, em especial, do traumatismo sexual como fator patogênico* (Ferenczi, 1933, pp. 115-116). Uma posição que se ergue contra as tentativas de resumir os abusos sofridos pelas crianças à fantasia. Para tal, o autor defende o caráter relacional contra as *explicações apressadas, [que acabam] invocando a predisposição e a constituição* (ibid., p. 111). Como diz Gondar (2013, p. 29): *seria preciso admitir que o trauma provém de fora, e não das fantasias do próprio paciente: para Ferenczi, tratava-se de um trauma real, impossível de ser ligado a qualquer representação e, portanto, impossível de ser recalado*. Dessa forma, Ferenczi vai pensar o trauma desestruturante como um fator exterior que tem a capacidade de modificar o psiquismo.

Ferenczi descreve que a criança, dotada apenas da linguagem da ternura, encontra um adulto que, tomado pela linguagem da paixão, a seduz. Ocorrendo o abuso, este adulto, tomado pela culpa, nega o que aconteceu. Sobre esse primeiro momento, diz Vertzman (2002, p. 67): *Se parássemos neste ponto, teríamos uma situação extremamente dolorosa, mas não traumática*. Porém, a criança não abandona as suas impressões sobre o abuso, e recorre a um terceiro para relatar o ocorrido. E este terceiro toma as palavras da criança apenas como fantasias infantis e produz uma segunda negação, e essa, sim, traumática. Gondar explica o efeito dessa segunda negação

Por desmentido entenda-se o não-reconhecimento e a não-validação perceptiva e afetiva da violência sofrida. Trata-se de um descrédito da percepção, do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma. Portanto, o que se desmente não é o evento, mas o sujeito (Gondar, 2012, p. 196).

Após o trauma, o ego da criança é empobrecido e, dada a impossibilidade da introjeção, só resta ao infante a identificação com o seu agressor. Porém, para preservar o adulto como modelo identificatório, a culpa que pertencia a esse adulto é assumida pela criança. Isso faz com que o abusador desapareça da realidade externa e tome todo o espaço de

reconhecimento de si da criança, o que atrapalha a criação do universo subjetivo dela. Vertzman afirma que:

A identificação com o agressor é, portanto, incorporação violenta da culpa. É uma tentativa paradoxal e desesperada de introjeção, na medida em que o que está em jogo é a significação do ocorrido. Se a criança só encontra a culpa como campo linguístico no qual pode se mover, isto se deve ao fato de não lhe ter sido disponibilizado outro vocabulário capaz de manter sua integridade subjetiva. (Vertzman, 2002, pp. 68-69)

Na argumentação de Ferenczi sobre o trauma, dois elementos se destacam por se aproximarem e, simultaneamente, se distanciarem da teoria pulsional de Freud – a cisão e a autodestruição.

Como no trauma, as instâncias de mediação falharam, o que causou uma impossibilidade de atribuição de sentido, e o indivíduo pode encontrar como saída para isso a clivagem – *a clivagem é o selo de uma introjeção impossível* (Vertzman, 2002, p. 65). Por meio da clivagem, o indivíduo retira-se da experiência traumática e cinde sua subjetividade. Dessa forma, ele pode assegurar uma forma paradoxal de sobrevivência, se descentrando de si mesmo e de sua vida subjetiva, assim se distanciando dos afetos que dão sentido ao trauma (Sales *et al*, 2013). Herzog e Pacheco-Ferreira apontam que a clivagem é uma resposta de sobrevivência:

O conceito de clivagem e a imagem da autotomia, que pode ser considerada como sua precursora, são, portanto, respostas radicais a uma situação insuportável na relação com o ambiente. Neste contexto, uma autodestruição antecipa uma destruição exterior, como estratégia de sobrevivência, inaugurando uma nova tópica que não obedece à lógica do recalque (*ibid.*, p. 191).

O choque traumático é *equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa de Si mesmo* (Ferenczi, 1932, p. 109). Essa experiência destrói a sensação de segurança do sujeito, sensação de que seus objetos primordiais iriam protegê-lo, da mesma forma que os anexos protetores defendem o feto durante o seu desenvolvimento. Por causa dessa situação, uma poderosa angústia sobrevém e, como defesa, os conteúdos psíquicos são fragmentados, destruídos. Mas essa criança ainda carece de proteção, e já que os adultos

falharam em fornecê-la, ela mesma constrói uma parte do seu ego para fazer essa função (esse é o bebê sábio de Ferenczi). Porém, toda essa autodestruição visa unicamente à sobrevivência, ao buscar se adaptar e criar, mesmo que por meio de seus próprios restos, um ambiente seguro.

Assim, Ferenczi apresenta outra forma de autodestruição, objetivando o retorno à unidade fundamental, uma ação em prol da vida. Mas a clivagem também pode ser aparentemente relacionada com a pulsão de morte, por meio de sua ligação com a autotomia. O próprio Ferenczi fez essa aproximação: *O primeiro efeito de choque exógeno será o de despertar a tendência à autotomia que dormita no organismo (pulsão de morte)* (Ferenczi, 1924, p. 322). Mas a autotomia, o processo pelo qual uma parte do corpo é separada, deixada cair para que o todo sobreviva, só poderia ser relacionada com a pulsão de morte devido ao seu elemento disruptivo, catabólico; porém, a pulsão de morte age separando a unidade criada por Eros, tendo como objetivo o retorno ao inorgânico. Entretanto, a autotomia é um esforço adaptativo, uma luta pela vida.

Podemos concluir que, mesmo que Ferenczi costumeiramente utilizasse a expressão pulsão de morte em suas publicações, esta não aparece com o mesmo sentido usado por Freud. Ao usá-la, Ferenczi a subverte, a relaciona à regressão ao um, à busca pela vida e à adaptabilidade; ele retira a sua autonomia e lhe confere um caráter passivo: *em vez de pulsão de morte seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade deste processo* (Ferenczi, 1930, p. 271). Essa forma de usá-la nos permite compreender uma frase solitária escrita em seu diário clínico: *Nothing but life-instincts. Death-instincts, a mistake* (nada além de instintos de vida. Instintos de morte, um erro) (Dupont, 1998, como citado em Figueiredo, 2002, p. 3, tradução nossa). Dessa forma, seu monismo é mantido, e a pulsão ganha seu caráter na relação com o mundo. Mas seu objetivo é a vida.

REFERÊNCIAS

- Ferenczi, S. (1909) A respeito das psiconeuroses. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise I*. (2ª ed., pp. 45-62). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1913) O desenvolvimento no sentido da realidade e seus estágios. In A. Cabral, & C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise II*. (2ª ed., pp. 45-62). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1924) Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp. 277-358). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1925) Psicanálise dos hábitos sexuais. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp. 359-398). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1926). O problema da afirmação do desprazer. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise III*. (2ª ed., pp. 431-444). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1929) A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In A. Cabral, & C. Berliner (org), *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp. 55-60). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930b) Toda adaptação é precedida de uma tentativa de desintegração. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.271-272). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1932) Reflexões sobre o trauma. In A. Cabral, & C. Berliner (org). *Ferenczi: obras completas - psicanálise IV*. (2ª ed., pp.126-135). Martins Fontes.
- Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In *Sigmund Freud: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14 - A história do movimento psicanalítico, a artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*.(pp. 67-84). Imago.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. L&PM.
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In P C. Souza (org.). *Sigmund Freud: Obras completas, v. 16 - O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (pp. 9-64). Companhia das Letras.

- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In P. C. Souza (org.). *Sigmund Freud: Obras completas, v. 16 - O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. (pp. 165-181). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930). Mal-estar na civilização. In P. C. Souza (org.). *Sigmund Freud: Obras completas, v.18 - o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (1ª ed., pp. 9-89). Companhia das Letras.
- Figueiredo, L. C. M. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2002). A tradição ferencziana de Donald Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 909-928.
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise* (Rio de Janeiro), 34(27), 193-210.
- Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de Psicanálise* (Rio de Janeiro), 35(29), 27-39.
- Herzog, R., & Câmara, L. (2021). Ferenczi e a catástrofe: ruptura dos limites. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 13(2), 62-77. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v2p.62>
- Herzog, R., & Pacheco-Ferreira, F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18, 181-194. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>
- Lindenmeyer, C. (2017). Le traumatisme, de Freud à Ferenczi. *Tempo Psicanalítico*, 49(1), 180-208.
- Sales, J. L., de Oliveira, R. H., & Pacheco-Ferreira, F. (2016). Clivagem: a noção de trauma desestruturante em Ferenczi. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 60-70.
- Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12(1), 73-95. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000100004>
- Verztman, J. S. (2002). O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 59-78.

NOTAS

- ¹ Por conta das dificuldades de tradução que a obra de Freud sofreu, o conceito de pulsão pode aparecer em seus escritos como: pulsão, impulso ou instinto. Em termos gerais, optamos por usar o termo pulsão, mas essas outras terminologias também podem aparecer, principalmente nas citações.
- ² O biólogo alemão Ernst Heinrich Philipp August Haeckel propôs, em 1899, sua lei da biogenética fundamental; para ele, a filogenia é recapitulada, de forma abreviada, pela ontogênese. Durante seu desenvolvimento, o organismo passaria as mais importantes alterações fisiológicas experimentadas por seus ancestrais durante a sua evolução.